

**DEPOIMENTOS ÀS TERRAS DO BRASIL: DO REGISTRO HISTÓRICO À CENA TEATRAL**

***Mona Magalhães***

UNIRIO/UFF

Processo, inquisição, encenação.

Apolônia de Brustamente, Balthesar Pereira, Catherina Quaresma, Clara Fernandes, Jacome de Queiroz, Domingas Gonçalves, Fernão Gómez, Guiomar dOliveira, Maria Grega, Maria Lourenço, Maria Simões, Noitel Pereira, Nuno P. de Carvalho, Paula de Sequeira, Pero Domingues e Violante Pacheca são alguns dos personagens verídicos de uma história também verdadeira de um período brasileiro pouco conhecido. Estes personagens, nossos antepassados, possuem uma parte de suas vidas registradas pelo famigerado Tribunal do Santo Ofício em sua primeira visita às partes deste Brasil. As confissões e denúncias registradas na Bahia e em Pernambuco ganharam publicações na década de 20.

Esses livros, que se encontram no Real Gabinete Português de Leitura, não apenas revelam uma parte da nossa história e da inquisição; não apenas registram os fatos, os modos de falar e agir do fim do século XVI; não apenas denotam a atmosfera de pânico vivida durante o período inquisitorial. Eles revelam muito mais que isso e mostram o que mais me chamou a atenção: a condição humana de todos os tempos, remotos e atuais. Ao lê-los, fui percebendo que o ser humano, com suas fragilidades, medos e inseguranças, continua o mesmo de sempre. Não importam a revolução industrial, a evolução tecnológica, as religiões, as leis divinas e humanas, pois, por trás de tudo, latente, geme a nossa condição.

Colhidas pelo visitador, o licenciado Heitor Furtado de Mendonça, Capelão fidalgo Del Rei nosso senhor e do seu Desembargo, deputado do Santo ofício, e registradas pelo notário Manoel Francisco, que, segundo o historiador Ronaldo Vainfas (1997:15), era “fenomenal em fonética”, as confissões e denúncias foram escritas em uma época em que não havia ainda regras ortográficas. Por isso, os relatos me causavam estranheza. Esses documentos históricos escritos com um português “arcaico”, a princípio, impuseram uma dificuldade para sua plena compreensão. Era como uma viagem no tempo, ao primeiro século de colonização brasileira. No entanto, me remetia de volta a nossa realidade atual. Concordo com a historiadora Anita Novinsky (1994) quando afirma que a Inquisição ainda existe e que “para entendermos os riscos de nosso presente, é preciso saber o que aconteceu ontem”. O que fomos e o que somos. Decidi, então, trabalhar ceticamente esses relatos.

Este projeto foi viabilizado pelo Prêmio Jovens Artistas do MEC/SESU 2006, ano em que começamos a preparação da produção de “Depoimentos às Terras do Brasil”. O projeto foi aberto para os alunos da Escola de Teatro da UNIRIO: estudantes de Interpretação, Teoria do Teatro, Licenciatura, Direção e Cenografia, além dos alunos de História e de Produção Cultural da UFF e CEFET.

Durante o primeiro semestre de 2007, o diretor convidado, Orlando Arocha, ofereceu, na Universidad Central da Venezuela, a disciplina intitulada *La interpretación actoral de discursos pre-*

*teatrales: la confesión, la denuncia y la argumentación.* Na UNIRIO, ofereci uma disciplina optativa – Técnica Paralela: *Confissões, Delações e Relatos*. Essas disciplinas tinham o intuito de estudar as confissões, as denúncias, e investigar uma linguagem cênica apropriada para o futuro espetáculo. A troca de experiências, entre mim e o diretor, durante os dois cursos, era fundamental para adequar os dois experimentos acadêmicos, solucionar dúvidas, suscitar novos exercícios e, para isso, o conteúdo programático foi o mesmo nas duas disciplinas:

Primeira unidade - Trabalho sobre a voz; o ator e sua voz; exercícios de encontro com a própria voz; a palavra do ator; a palavra do personagem; a voz mutante ou as vozes do ator.

Segunda unidade - Vozes e discursos; investigação sobre vozes e discursos reais; investigação sobre vozes e discursos dos personagens.

Terceira unidade – Formas narrativas pré-teatrais: o conto, a mensagem interposta, a interrogação, a declaração, a confissão e a denúncia.

Quarta unidade – Exercícios sobre contos, declarações jurídicas, confissões etc;

Ainda durante esse primeiro semestre, foram realizados três seminários de fundamental importância para o processo: A inquisição no Brasil; Teatro: novas e velhas narrativas, e A história como narrativa teatral. Em cada mesa estavam especialistas de cada área: Ronaldo Vainfas, Lana Lage, Yllan de Mattos, Nara Keiserman, André Paes Leme, Moacir Chaves, Aderbal Freire Filho e Arocha. Era visível a evolução dos trabalhos realizados nas técnicas paralelas após cada seminário. A compreensão da atmosfera de pânico instaurada pelo Santo Ofício por meio do Edital da Fé e do monitório provocou uma reação imediata nos atores, que conseguiram absorver este clima para as confissões e denúncias que estudavam. As questões relacionadas ao trabalho do ator pareciam estar em um caminho propício. No entanto, a dúvida quanto à dramaturgia permanecia: trabalharíamos os relatos na terceira pessoa, como nos documentos originais, ou os manteríamos na primeira pessoa, conforme foi nossa opção inicial? A escolha por trabalhar na primeira pessoa surgiu de uma necessidade didática, durante os primeiros exercícios, nos quais os alunos-atores se apropriavam melhor de cada depoimento. Tanto para nós quanto para Arocha era um desafio “enfrentar o material amplo, disperso, sugestivo e a princípio absolutamente carente de teatralidade”. (AROCHA, 2007: 66).

A experiência de se trabalhar com o mesmo conteúdo programático, os mesmos textos, foi instigante e surpreendente. Acreditamos, contudo, que o resultado positivo deste experimento só foi possível pelo longo convívio e pela identificação de estéticas, entre Arocha e eu, anterior a esse projeto. Quando Arocha chegou para ministrar uma oficina presencial e selecionar o elenco, que, a princípio, seria apenas de sete alunos, todos os dezesseis estudantes já possuíam uma denúncia ou confissão trabalhada. Assim, foi a partir do empréstimo das vozes e das intimidades dos atores “às outras vozes e outras

intimidades” (AROCHA, 2007: 68) que fomos encontrando o caminho para a encenação dos “Depoimentos às terras do Brasil”: “Deixar falar. Deixar soar”.(AROCHA, 2007: 68)

Foi notório como, depois de um breve período de encontro e alguns trabalhos guiados, nos aproximamos do que chamamos de nossas **próprias vozes**, “no nome próprio”. Chegou o momento de enfrentar os textos e, num admirável e mágico acaso, os atores foram apresentando-se um a um, ou em pequenos grupos. Em uma só sessão de trabalho, a estrutura tão esperada se mostrou para nós com sua lucidez surpreendente e, por sua vez, com um jogo de cintura que a fazia orgânica e longe de uma análise fria. (AROCHA, 2007, p. 68)

Depois desse acaso admirável, não nos restou outra alternativa a não ser dobrar o elenco e trabalhar com os dezesseis atores em cena. Após uma semana desse primeiro encontro, fizemos nosso primeiro ensaio aberto. Foram três ao todo. A estrutura se impôs, a primeira pessoa permaneceu. Faltava estabelecer a relação com a audiência. Uma enunciação enunciativa provocaria o confronto direto com o espectador. A relação frontal era a que nos pareceu ideal: “Aos olhos e nos olhos do espectador” (AROCHA, 2007: 69).

Assim, o espectador passaria a ser algo mais do que estar apenas no lugar do visitador. Era necessário “fazê-lo participar como a escuta de um odeon teatral falso, débil como o grande fingimento que é o teatro. A intimidade era a três: o personagem, o ator e seu ouvinte” (AROCHA, 2007: 68). Um labirinto, por onde o público, conduzido pelos atores, obrigatoriamente deveria atravessar, entre sombras e sussurros, era a entrada do cenário que englobava espectadores e personagens. Uma transição do tempo real para a imersão no aqui/agora teatral.

Nessa assembléia, a palavra é valorada, assim como o silêncio. O português arcaico se opõe a uma linguagem cênica peculiar e contemporânea. O resultado de todo este trabalho é descrito pelo crítico mineiro Marcelo Castilho Avelar (2008):

Outra coisa a ser aprendida do espetáculo é a maneira como seu elenco trabalha a singularidade das personagens a partir da uniformidade do texto. Como ocorre ainda hoje na maioria dos países de cultura latina, nos processos da inquisição os escrivães não transcreviam diretamente a fala dos depoentes, mas sua “tradução” feita pelos juízes. Como consequência disso, os textos colocam palavras e expressões semelhantes na boca de pessoas de classes sociais ou origens diferentes, usam eufemismos comuns a todos os depoimentos, e assim por diante. As palavras e expressões comuns estão todas lá, mas na maneira como as dizem, os intérpretes parecem nos falar sobre a especificidade de suas criaturas – incluindo a facilidade ou dificuldade em lidar com aquela linguagem.

ABREU, Capistrano. *Confissões da Bahia, 1591-1592* – Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, Capelão fidalgo Del rei nosso senhor e do seu Desembargo, deputado do Santo ofício. Confissões da Bahia, 1591-1592. São Paulo: Paulo Prado, 1922.

\_\_\_\_\_. *Denúncias da Bahia, 1591-1593*. São Paulo: Paulo Prado, 1925.

AROCHA, Orlando. El proceso de Creación. In: MAGALHÃES, Mônica. *Depoimentos às terras do Brasil: seminários, processo e espetáculo*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

AVELAR, Marcelo Castilho. Questões para um debate sobre depoimentos às terras do Brasil. <http://fitbheventosespeciais.blogspot.com/2008/06/dirio-de-bordo-eventos-especiais-fit-bh.html>. Acessado em 26/06/2008.

GARCIA, Rodolfo. *Denúncias de Pernambuco, 1593-1595*. São Paulo: Paulo Prado, 1929.

MAGALHÃES, Mona. *Depoimentos às terras do Brasil: seminários, processo e espetáculo*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

NOVINSKY, Anita. *A Inquisição*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

VAINFAS, Ronaldo. *Confissões da Bahia*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.